

Nunca foi tão fraco o poder das lideranças

Foi há 43 anos, no estádio de Vila Belmiro, do Santos Futebol Clube. Então, também, estávamos em plena campanha eleitoral. A primeira que se realizava depois da deposição do ditador Getúlio Vargas pelas Forças Armadas, em 1945. O povo brasileiro ia votar **pela primeira vez desde a proclamação da República**, para escolher um presidente em eleições realmente livres, com voto secreto, sem possibilidade de fraudes. Era um comício do brigadeiro Eduardo Gomes, que acabaria derrotado pelo general Eurico Dutra. Menos da metade do estádio estava ocupado e por um público constituído, evidentemente, quase que exclusivamente por gente da classe média alta para cima. Entre os vários oradores estava José Américo de Almeida. Seu discurso, uma autêntica obra-prima da oratória política, foi dirigido "aos operários ausentes" que apoiavam maciçamente o candidato do ditador deposto.

Hoje, cumprindo o dever de nos dirigirmos aos nossos leitores para analisar a campanha a que acabamos de assistir, nos sentimos como deve ter-se sentido José Américo há 43 anos no estádio vazio de Vila Belmiro. Naquela época, uma grande parcela dos sete milhões e meio de eleitores inscritos — pouco menos de 15% da população —, todos sabendo ler e escrever, era influenciada pelo que diziam os jornais. Hoje, diante de um eleitorado de 82 milhões de pessoas — quase 60% da população —, com 60% de analfabetos ou quase analfabetos e mais 20% de pessoas que não têm mais do que os dois primeiros anos de escola primária, somos obrigados a reconhecer humildemente como é ínfima a influência, nesta eleição que é certamente a mais importante de toda a nossa história, daquilo que os próprios candidatos chamam de **formadores de opinião**.

Nesta época dos meios de comunicação eletrônicos a palavra escrita tem muito pouco que fazer numa eleição que é decidida precipuamente pela imagem e pelo som.

Se o Brasil dispusesse de lideranças políticas de alto nível, dispostas a exercer a missão pedagógica que julgamos indispensável para evitar que um eleitorado com esse "perfil" de instrução pudesse ser levado por qualquer demagogo ou aventureiro a se comportar de forma a comprometer a consolidação de nossa incipiente democracia — como ia ocorrendo no episódio Silvio Santos —, a rádio e a televisão teriam um papel decisivo para o aperfeiçoamento das nossas instituições.

Infelizmente, porém, não são de alto nível as nossas lideranças políticas, como ficou amplamente demonstrado nestes dois meses e meio de propaganda eleitoral intensiva, durante os quais, com raríssimas e desimportantes exceções, os candidatos se limitaram a procurar explorar da forma mais eficiente possível, com o auxílio de profissionais de marketing, esse baixíssimo grau de escolaridade do eleitor a ser conquistado.

Assim, mais uma vez pudemos verificar que Santiago Dantas estava cheio de razão quando dizia que o povo brasileiro é muito melhor do que suas elites.

Dando uma demonstração de que compreende a importância crucial desta eleição, o povo acompanhou com assiduidade que surpreendeu os pesquisadores de índices de audiência os programas do Tribunal Eleitoral à procura, evidentemente, de orientação, de esclarecimentos para poder discernir melhor, entre os candidatos, os capazes e os incapazes, os honestos e os desonestos, os autênticos e os inautênticos.

E só o que os candidatos lhe ofereceram foram melhores ou piores **performances** na profissão improvisada de Silvio Santos. Todos os candidatos — aqui sem exceção, tendo variado apenas a ousadia e o cinismo — falaram sobre os **fins** a serem atingidos, sobre os quais jamais houve divergência na história das lutas políticas (a felicidade geral da Nação). Nenhum perdeu alguns dos preciosos minutos de que dispunha para discutir e propor os meios de se chegar a esses fins.

No fim da tarde de sábado, num jornal de TV, um repórter fazia uma reportagem de rua perguntando a quem passava o que esperava do próximo presidente. Um dos entrevistados, um cidadão dos seus quarenta anos, aparentando um nível razoável de vida, considerando-se os nossos padrões, respondeu: "Espero que ele arranje uma nova moeda, porque o cruzado já não vale mais nada".

Para quem acompanhou com assiduidade durante estes dois meses e meio a propaganda dos candidatos, a resposta não chega a surpreender. O que surpreende é que nenhum deles se tenha lembrado de fazer essa promessa.

Neste momento de silêncio eleitoral, de retiro espiritual para um exame de consciência, portanto, tudo pode acontecer, menos os eleitores de baixíssimo grau de escolaridade formarem opinião com conhecimento de causa.

Esses, como aqueles do mesmo grau de escolaridade que já decidiram, farão sua escolha quase que por intuição ou movidos por impulsos subliminares dos quais nem se darão conta.

Em outras palavras, o que esta primeira fase da corrida para a Presidência demonstra é que nunca na resumida história de nossas eleições presidenciais foi tão fraco o poder das lideranças ou foram tão medíocres as **performances** dos que se apresentam como líderes.

Isso acontece no momento em que as proporções do eleitorado e o seu grau de despreparo tornavam mais necessárias do que nunca lideranças lúcidas, honestas e corajosas.

Daqui a três dias saberemos para onde a intuição do povo brasileiro nos vai levar. Porque desta vez — o Lula tem de reconhecer — as **classes dominantes** não tiveram vez.